

# Os melhores planos

Os cinco trabalhos vencedores do concurso «**Vamos fazer um plano**», destinado a alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário

Especial de 16 páginas



**Colosso**



**Litão**



**Tipografia**



**Teatro**



**Inserção**

## Vamos fazer um plano O concurso

# "Aprendi a observar mais coisas ao meu redor. O telemóvel anda a prejudicar isso"

O que acontece quando se desafiam alunos do 3.º ciclo e do secundário a produzir matérias jornalísticas sobre cultura? Descubrem-se alunos (e professores) interessados e empenhados no mundo à sua volta. *Por Cláudia Lobo*

Os alunos do 8.ºC da Escola Básica Dr. Alberto Iria, em Olhão, são conhecidos entre os seus colegas. Quando a rádio escolar fechou, pediram para pôr música nos intervalos e, com a ajuda de um telemóvel ligado a uma coluna, criaram a Rádio Rabbit. Talvez por sonharem em juntar um microfone à aparelhagem improvisada, o que mais curiosidade lhes suscita, durante a visita à redação do PÚBLICO, é o estúdio de gravação de podcasts. "Era fixe poderemos falar na rádio", diz Afonso Borges, enquanto uma colega mostra no telemóvel uma fotografia de "Sonasol", o coelho-peluche mascote da Rabbit.

A turma de Olhão está na redação de Lisboa do PÚBLICO porque é um dos cinco grupos vencedores de "Vamos Fazer um Plano", uma iniciativa do projeto PÚBLICO na Escola e do Plano Nacional das

Artes, que cruza literacia mediática e responsabilização cultural. Além de verem o seu trabalho publicado neste caderno especial, todos os vencedores têm uma mentoria com a equipa do PÚBLICO e visitam o jornal.

O concurso convida alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário a apresentar matérias jornalísticas sobre temas de cultura, com o objetivo de "promover um olhar mais atento ao quilómetro quadrado cultural onde cada um está inserido e ouvir mais jovens", segundo o regulamento. O nome da iniciativa, "Vamos Fazer um Plano", junta a ideia de futuro, que a palavra plano encerra, com a gíria jornalística, em que um plano designa duas páginas de jornal.

Ficam bem distantes os "quilómetros quadrados culturais" premiados nesta quarta edição do "Vamos Fazer um Plano". São em Guimarães (pela mão do Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques), Covilhã (Escola Secundária Campos Melo),

Seixal (Escola Secundária Dr. José Afonso), Moura (Agrupamento de Escolas de Moura) e, como se já se leu, Olhão (Agrupamento de Escolas Dr. Alberto Iria).

Distantes e diferentes, na verdade, porque nestes "quilómetros quadrados culturais" encontramos, como se poderá ver nas páginas seguintes, azulejos, estátuas, máquinas, teatro e... peixe.

Os cinco planos vencedores foram escolhidos por Susana Cabeleira, Ana Sofia Vieira, Susana Silvério (coordenadoras intermunicipais do Plano Nacional das Artes); Bárbara Simões (editora do PÚBLICO na Escola) e Lucinda Canelas (da secção de Cultura do PÚBLICO). O júri sublinhou este ano, nos trabalhos concorrentes, uma maior sintonia, em geral, com "aquilo que deve ser o verdadeiro trabalho do jornalista: procurar as fontes, verificar se é verdadeiro ou falso, ir ao encontro das pessoas, falar com elas".

Falar é o que se faz neste momento no auditório do PÚBLICO. Quem tem a palavra é Bárbara Simões: "O vosso trabalho foi muito bom, por isso foi vencedor", começa por dizer a coordenadora do PÚBLICO na Escola aos alunos de Olhão, para iniciar a sessão de mentoria incluída no prémio. "Não entendam o que vamos dizer como críticas, mas antes como ideias para melhorarmos o vosso trabalho."

Bárbara vai fazendo perguntas aos alunos. "Este trabalho é sobre o quê?", "o que é um litão?", "onde é que se pode comprar?". As respostas de que toma nota num caderninho, como se estivesse a fazer uma reportagem, vão servir-lhe mais tarde para justificar as mudanças introduzidas pela equipa do PÚBLICO na matéria enviada pelos alunos sobre o litão, peixe típico desta cidade algarvia.

Antes de ser mostrado à turma como é que o seu trabalho sairá no PÚBLICO, haverá as explica-



FOTO: RUI GAUDÊNCIO

Os cinco grupos vencedores estiveram na redação do PÚBLICO em Lisboa. Nestas páginas: alunos de Guimarães, Olhão (em baixo, à esquerda) e Covilhã (em baixo, à direita)

ções da diretora de arte do jornal, Sónia Matos, acerca do que é importante quando se desenha uma página (neste caso duas). Hierarquização da informação, tipografia, imagem. "Grafismo sem bom jornalismo não é grande coisa. Um jornal excelente é a combinação dos dois", explica. "Hoje comunica-se muito visualmente e é fundamental saber como transmitir informação através do grafismo."

Bárbara Simões chama a atenção para o facto de não se poder ir ao Google "roubar" imagens e publicá-las. "Havia coisas que não tínhamos a noção de que eram tão importantes, como não podermos tirar fotografias da internet", comenta no final uma das alunas.

O plano sobre o litão foi um verdadeiro trabalho coletivo do 8.ºC. Toda a turma participou nas entrevistas a um membro da Confraria do Litão e a um pescador. Ruben e Ângela foram responsáveis por filmar as conversas, Maria por arranjar a receita, Constança, Leonardo e Isaac por redigir os textos. "Cada um de nós escreveu uma notícia, a professora leu-as, viu os pontos mais positivos de cada uma e juntou-as", conta Constança Conceição, 14 anos. "As pessoas vão olhar para o plano e só vão ver uma notícia feita pelos alunos do 8.ºC com a ajuda do PÚBLICO. Mas para nós é muito mais do que isso. É a cultura da nossa terra, que tem uma história por trás. Faz parte de nós."



### A importância da formação

O dia em que os estudantes do 12.ºB do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Campos Melo, na Covilhã, chegam à redação do PÚBLICO para a sessão de mentoria revela-se particularmente intenso em notícias de cultura: o fotógrafo Eduardo Gageiro morrerá nessa manhã; o nome da nova ministra com a pasta, Margarida Balseiro Lopes, seria anunciado à tarde; a abertura de um concurso para a direção artística do CCB suscitaria polémica... Mas nem por isso a conversa de Lucinda Canelas, jornalista da secção de Cultura do PÚBLICO, com quem vinha de longe foi mais curta.

"Às vezes os planos dão muito trabalho, mas o vosso não deu, porque a matéria-prima era muito boa", diz-lhes, já depois de ter elogiado as fotografias. "Tem imagens apelativas, que 'puxam' para a leitura do artigo, e arranca com um bom texto de enquadramento."

## Vamos fazer um plano O concurso

“Olha que bom!”, deixa escapar em voz alta, visivelmente contente, a docente Ana Fidalgo. “Bem, tivemos bons professores”, acrescenta, explicando que foi fundamental ter assistido à ação de formação para professores “O jornal como recurso pedagógico”, realizada em novembro (e transmitida online), na qual participaram jornalistas do PÚBLICO, elementos do Plano Nacional das Artes, professores e alunos vencedores de edições anteriores do concurso.

O tema escolhido pela turma da Covilhã tem um pé na escola, outro na cidade e outro na inclusão: escreveram sobre o painel de azulejos pintados por utentes da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) em colaboração com alunos da Campos Melo, sob a orientação do artista Mantraste. “Fiquei cheia de vontade de saber mais sobre este artista”, comenta Lucinda Canelas. “Mas o vosso trabalho não está incompleto. Os jornalistas é que estão sempre a fazer-se perguntas!”

O Agrupamento de Escolas de Moura concorreu com dois planos, realizados por estudantes do 10.º ano da área de Ciências. Foi uma reportagem sobre teatro na Amareleja que acabou por trazer a Lisboa todos os alunos concorrentes.

Ao ver o seu trabalho editado pela equipa do PÚBLICO, uma das alunas, Constança, sugere a alteração da imagem principal. Bárbara Simões explica-lhe porque é que foi aquela a escolhida, uma foto de reportagem. A mentoria acaba e Constança fica à conversa com a coordenadora do PÚBLICO na Escola enquanto os seus colegas avançam para conhecer a redação do jornal. Interessados, acompanham com atenção a visita guiada por Carolina Franco, jornalista do PÚBLICO na Escola. “É possível os partidos políticos pagarem a órgãos de comunicação social para falarem bem de si? É que há órgãos de comunicação social que dão tanto tempo a alguns partidos...”, pergunta-lhe um dos alunos quando o grupo se aproxima da seção de Política. A pergunta gera conversa sobre os critérios editoriais dos canais de televisão.

Já no dia seguinte, o principal tema de conversa suscitado pelos alunos de 11.º ano da Escola Secundária Dr. José Afonso, do Seixal, durante a visita à redação seria a Inteligência Artificial e as suas aplicações. “Sabem o que é uma alucinação?”, pergunta Carolina Franco. A resposta surge pronta, na ponta da língua, pela voz de vários alunos. Máscaras, *chatbots*, *fake news*, notícias recentes vêm à baila (os alunos estão a par da atualidade porque escolhem



outros escreveram.

O plano dos alunos do 7.ºD da Escola EB 2/3 D. Afonso Henriques, em Guimarães, é um plano com passado e de futuro.

No ano letivo de 2023-2024, Sérgio Silva, coordenador do Plano Nacional das Artes naquela escola, propôs aos seus alunos de 6.º ano (em que um dos pontos do programa de Educação Visual é o Património) uma visita a uma estátua escondida, apesar das dimensões, nas redondezas - entre o hospital e o centro comercial. A turma ficou entusiasmada com o homem de pedra que descobriu nessa aula de campo.

### Um ato de cidadania

A mudança para o 7.º ano não arrefoceu o interesse pelo ‘Colosso de Pedralva’. Já sem Sérgio Silva como professor da turma (mas sempre presente), o projeto passou a ser liderado pela professora de História, Ana Isabel Gonçalves. Pesquisas na biblioteca e uma conversa por *zoom* com o arqueólogo Gonçalo Cruz permitiram aos alunos ficar a saber tudo o que podiam sobre a estátua - e perceberem como era triste não haver um letreiro que contasse a história do monumento. Pediram então uma reunião ao presidente da Junta de Freguesia de Creixomil, para lhe propor a colocação de uma placa informativa.

“Ele também não conhecia a história do ‘Colosso’ e, da mesma forma que foi uma aprendizagem para nós, também deve ter sido para ele”, opina Francisca Pinheiro, 12 anos, “obcecada por cultura”, cujo “interesse pelos monumentos vem mesmo assim do nada”. O olhar atento da fotógrafa de “Vamos Fazer um Plano” não deixa escapar nada. “Com este trabalho aprendi a observar mais as paisagens e as coisas ao meu redor; acho que o telemóvel anda a prejudicar isso”, diz, numa voz serena.

Para o professor Sérgio Silva, a maior mais-valia desta experiência foi os alunos poderem ser cidadãos de corpo inteiro. “Terem tido a iniciativa de falar com o presidente da junta para tentar resolver o problema da falta de identificação do monumento é um ato de cidadania”, defende.

A placa será colocada em julho, na presença dos alunos e do presidente da junta, mas para setembro já se congema uma pequena cerimónia, com uma performance do grupo de teatro da escola. Nessa altura será difícil não deixar os alunos avançar com aquilo que queriam ter feito já este ano: ir para a rua distribuir panfletos sobre o ‘Colosso’. “É promissor que alunos de 11 anos revelem este espírito e interesse pelas coisas da sua terra”, afirma Sérgio Silva. “É um ato de cidadania, que nos dá esperança nesta juventude, que não é só a geração do TikTok.” **com Carolina Franco**



**No dia 5 de junho, quinta-feira, foi a vez de os alunos do Seixal (em cima) e de Moura (em baixo) visitarem o jornal. Por pouco não chegaram a cruzar-se**

temas para, nas aulas de Português, treinarem a argumentação). É caso para dizer que dominam as tecnologias de comunicação desde Gutenberg até aos dias de hoje, já que o seu trabalho para “Vamos Fazer um Plano” nos dá a conhecer uma antiga tipografia seixalense, hoje convertida em museu graças à perseverança do seu proprietário.

“Quando surgiu a ideia de participarmos neste concurso, lembrei-me da Tipografia Popular, porque o meu avô era amigo do dono, o sr. Palaio, e toda a gente alinhou”, lembra Marta Lourenço.

“A ideia do vosso trabalho é muito boa”, comentará Bárbara Simões. “Fiquei cheia de vontade de ir visitar a tipografia.”

Com toda a turma - professores incluídos - alinhados pela sugestão de Marta, o primeiro passo para fazer o trabalho foi uma visita de estudo em grupo à Tipografia Popular. “Estivemos lá bastante tempo”, conta Bruna Araújo. “Como o sr. Palaio sabe muito sobre o assunto de que estava a falar, não foi uma seca, gostámos muito de ouvir as suas histórias.” A partir daí, foram divididas tarefas: uns fizeram a entrevista, outros fotografaram,

## Aproximar o jornal dos novos leitores

### Opinião



David Pontes

Desde o início de Maio que o PÚBLICO tem uma nova aplicação, destinada a levar as notícias aos mais jovens. Chama-se Gen P e quem tiver entre 15 e 18 anos pode aceder gratuitamente a ela, graças a um programa de atribuição de assinaturas do Governo que pretende ajudar as novas gerações a chegar de forma facilitada à boa informação.

A preparação desta aplicação implicou um cuidadoso trabalho, que passou por escutar a opinião do público-alvo, nomeadamente através de vários inquéritos e de *focus groups*, realizados em Lisboa e no Porto. Foi assim que chegámos à ideia de disponibilizar uma aplicação, em vez de uma área específica no *online*, com uma navegação mais próxima daquela a que está habituado quem já nasceu com redes sociais. Foi por isso que

achámos útil dar uma seleção das notícias mais importantes para esta faixa da população e juntámos áreas como o Cinecartaz ou o Megafone, com muita procura por parte dos mais novos. Esta aplicação faz parte do nosso esforço de modernização, sabendo que um jornal com 35 anos precisa de se aproximar de novas gerações de leitores se quiser acrescentar muito mais décadas à sua existência.

Mas este é um caminho que tem dois sentidos. Nós precisamos de aprender com os mais novos, mas também precisamos que eles entendam melhor as regras, a utilidade e as ferramentas do jornalismo. Desse esforço faz parte

**Um jornal com 35 anos precisa de se aproximar de novas gerações de leitores se quiser somar muito mais décadas de existência**

## Como peixes na água

### Opinião



Paulo Pires do Vale

“Dois (...) peixes vão a nadar juntos e passam por um peixe (...) que segue na direção oposta, que lhes acena e diz: ‘Bom dia, rapazes! Como está a água?’. Os dois (...) peixes continuam a nadar durante mais algum tempo e, então, um deles olha para o outro e pergunta: ‘O que raio é água?’”

(David Foster Wallace, *This is water*, 2005)

Esta anedota-parábola é útil para refletirmos sobre o que nos permite viver, sem darmos conta disso. É sobre a *tomada de consciência* do bem-comum: as condições partilhadas em sociedade e que são essenciais à felicidade individual. Pensamos, imediatamente, no ambiente ecológico, mas o próprio David Foster Wallace aponta para as realidades a que nos habituamos, omnipresentes, e que são mais difíceis de apreender: aquilo que definimos como cultura. O mais difícil de ver é, tantas vezes,

o que nos é mais próximo - ou próprio. O mesmo se passa com aquilo a que chamamos cultura(s): é o que nos permite ser humanos, mas como na anedota, nem damos conta da sua importância vital. Isso é a água, o líquido amniótico que nos permite nascer para a vida humana, existir como pessoa e ser com outros. Com mais ou menos liberdade, com mais ou menos possibilidades no horizonte, com um mundo mais dilatado ou circunscrito. Estamos envolvidos por ela a cada minuto, precisamos dela como do oxigénio, mas tantas vezes só o percebemos quando nos falta: quando não temos ou não podemos usar as palavras para dizer o que pensamos, ou as imagens ou os gestos para o expressar, ou para criticar e debater ideias sobre a vida e o mundo que queremos construir, sem medo. Os patrimónios e as artes são o atelier da criatividade íntima em que cada um se pode esculpir e criar o novo em diálogo com a tradição, e o laboratório da democracia, da liberdade e do respeito mútuo, da vida em comum na sua pluralidade de formas.

Este caderno que o Plano Nacional das Artes promove com o PÚBLICO é mais uma forma de

o PÚBLICO na Escola, o nosso projecto de literacia mediática - e muito particularmente o concurso “Vamos fazer um Plano”. Uma iniciativa que só é possível graças ao Plano Nacional das Artes e aos nossos parceiros do PÚBLICO na Escola, o Ministério da Educação, a Fundação Belmiro de Azevedo, a BPI/Fundação “la Caixa” e a Visapress. A todos o nosso agradecimento.

As grandes felicitações vão todas para as escolas concorrentes, e, muito especialmente, para as que foram escolhidas para a fase de mentoria. É ao entusiasmo dos alunos dos agrupamentos de escolas D. Afonso Henriques (Guimarães), de Moura e Dr. Alberto Iria (Olhão), bem como das escolas secundárias Campos Melo (Covilhã) e Dr. José Afonso (Seixal) que nós vamos buscar ensinamentos. Estamos certos de que eles, no final deste programa, também irão saber perceber melhor porque é que o jornalismo vale mesmo a pena.

Director do PÚBLICO

*tomar consciência* da água e da sua importância; de assumirmos cada jovem como agente cultural no seu território, responsável e ativista - já, e não num qualquer futuro; de olharmos para as escolas como polos culturais; de valorizarmos a cultura no plural, na sua diversidade e na originalidade do nosso km2; de promovermos o jornalismo e os jornais - e uma literacia dos media, das imagens e dos textos, para podermos perceber quando a água estiver turva de mentiras para confundir os peixes.

*Tomar consciência* da importância vital do ambiente cultural em que vivemos é diferente de simplesmente *ter conhecimento* dele: implica-nos e compromete-nos com entusiasmo.

Fiz alguns pequenos cortes intencionais na citação do discurso de David Foster Wallace: retirei da anedota as referências às idades dos peixes. É uma forma de lembrar que também os peixes mais velhos podem aprender muito com os peixes mais novos sobre o que é a água.

Comissário do Plano Nacional das Artes

A APP DO PÚBLICO PENSADA PARA JOVENS

GEN P

POV:

**Começaste a ler notícias e agora és o amigo a quem perguntam tudo**



**Dá o primeiro passo para uma vida informada**

Acompanha o que se passa no mundo com a nova app do PÚBLICO.

Se tens entre 15 e 18 anos adere gratuitamente.

Se tens mais de 19 anos, podes aderir por apenas 1€/mês.



notícias para ti

Sabe mais aqui



# Vamos fazer um plano Património



**O** Colosso de Pedralva encontra-se atualmente situado na Alameda Dr. Mariano Felgueiras, em Guimarães, entre o Hospital da Senhora da Oliveira, à sua esquerda, e um centro comercial à sua direita. Está num pequeno jardim, com acesso só possível através de uma passagem aérea.

Alunos da vizinha Escola EB 2/3 D. Afonso Henriques partiram para a aventura de saber mais sobre este enigmático monumento, visitando-o, desenhando e fotografando. Sem qualquer tipo de informação acerca da sua origem e categorização, escondido e abandonado, embora rodeado por automóveis e por muita gente que circula diariamente entre o hospital e o shopping, o Colosso é praticamente desconhecido da população, que lhe passa ao lado, ou por cima, ignorando a sua existência.



E foi este abandono que levou os alunos do atual 7.º D da Escola EB 2,3 D. Afonso Henriques, em colaboração com o professor de Educação Visual (EV), a professora de História e Geografia de Portugal, a Artista Residente do Plano Nacional das Artes e a então diretora de turma a aventurarem-se em conhecer e estudar este monumento, para lhe poderem dar a visibilidade que merece.

Para o efeito, por sugestão do professor de EV, Sérgio Silva, alguns alunos da turma contactaram o arqueólogo Gonçalo Cruz, que, via zoom, conversou com eles e os elucidou sobre as origens da estátua, as suas possíveis categorizações, incen-

**Lúcio, Afonso, Francisca, Íris e Ana Caldas (artista residente). Em baixo: aula de campo junto ao Colosso de Pedralva**

## Reunião na Junta de Freguesia de Creixomil; e desenho a grafite de Lúcio (em baixo)



tivando-os na aventura, que agora parece estar prestes a terminar, de contactarem a Junta de Freguesia de Creixomil (a autarquia de proximidade da escola), no sentido de se colocar uma placa identificativa junto do "homem de pedra".

O repto foi aceite e a placa informativa vai finalmente ser concretizada, existindo já um texto bilingue da autoria de Gonçalo Cruz e da professora Eugénia Almeida, que o traduziu para a língua inglesa.

Começa assim: "Escultura inacabada em granito, identificada pelo arqueólogo Martins Sarmento nos finais do século XIX, num campo da freguesia de Pedralva"; então dispersa em três fragmentos, foi transportada para Guimarães, para o Museu Martins Sarmento, em 1929.

E termina assim: "Informação colocada por iniciativa dos alunos da Escola EB 2,3 D. Afonso Henriques..."

## Um promissor sentido de cidadania

### Opinião

**Gonçalo Cruz**

**A** comunidade escolar é dos grupos mais relevantes que integram a sociedade civil. Composta pelas crianças e jovens que serão as futuras gerações de adultos, a sensibilização para a relevância do Património Cultural pode ser particularmente frutuosa nas escolas, por deixar uma mensagem duradoura e por propiciar a formação de futuros cidadãos informados e responsáveis. É

habitual, por isso, que as instituições culturais - como os museus, centros de arte, companhias de teatro, arquivos e bibliotecas - contactem as escolas para a promoção de atividades de sensibilização.

No entanto, neste caso verificou-se um movimento oposto. Foi um grupo de alunos do 6.º ano na altura, agora já no 7.º ano, da Escola EB 2,3 D. Afonso Henriques, de Creixomil, Guimarães, a contactar o Museu Martins Sarmento no sentido de conhecer melhor uma histórica escultura, o "Colosso de Pedralva", e "reivindicar", junto da autarquia local, a colocação de informação

no sítio onde se encontra a peça. Exposta, desde há várias décadas, numa zona ajardinada da Alameda Mariano Felgueiras, a avantajada escultura de granito, recolhida há muitos anos na zona da Freguesia de Pedralva, de onde lhe vem o nome, não tinha junto de si um ponto informativo que satisfizesse a curiosidade dos transeuntes.

A iniciativa destes alunos revela, assim, um promissor sentido de cidadania, que renova a nossa confiança na sensibilidade dos mais novos.

**Arqueólogo**

FOTOS: SÉRGIO SILVA



Escultura inacabada em granito, saiu de Pedralva, no concelho de Braga, para um museu de Guimarães há quase um século. Hoje, o "colosso" está muito perto da Escola EB 2/3 D. Afonso Henriques. Um grupo de alunos do 7.ºD foi conhecê-lo melhor. *Por Afonso Ribeiro, Francisca Pinheiro, Íris Miranda, Lúcio Ferreira e Romeu Ferreira*

# O Colosso de Pedralva

**Um agradecimento especial ao professor e artista plástico Salgado Almeida, que criou um cartoon alusivo para este projeto**



MARTINS SARMENTO EM PEDRALVA EM PEDRAÇOS ME ENCONTROU RECONSTRUI MINHA FIGURA SEM SABER QUEM EU SOU.

SOU UM COLOSSO DE PEDRA SOU PEDRALVA, SOU VIRIL, VIM PULAR A GUIMARÃES NUM PARQUE DE CREIXOMIL.

TENHO PERTO UM HOSPITAL, É UM SHOPPING TAMBÉM, HÁ TRÁS DO HOSPITAL A MINHA VOLTAS, MAS NÃO ME LIGA NINGUÉM.

ALUNOS DA D. AFONSO A TODOS MUITO OBRIGADO POR REPARAREM EM MIM, JÁ NÃO ESTOU ABANDONADO.

## Vamos fazer um plano **Gastronomia**



CORTESIA: CARLOS CABRAL



# Litão

## Sabor da nossa terra

Este peixe, que se come seco, sobretudo no Natal, é cada vez mais apreciado. Por Constança Conceição, Isaac Carmo, Leonardo Adriano, Maria Santos e Rafael Mendes, alunos do 8.ºC da Escola Básica Dr. Alberto Iria, em Olhão

**O** litão é tradição em Olhão e prato obrigatório no Natal de muitas famílias. Trata-se de um peixe que, historicamente, não tinha grande valor comercial, sendo muitas vezes descartado ou pouco aproveitado. Com o tempo, no entanto, passou a ser mais valorizado, especialmente como substituto do bacalhau.

Como é pescado, tratado e confeccionado? Foi o que quiseram saber os alunos da turma 8.ºC da Escola Básica Dr. Alberto Iria, em Olhão. Durante o 2.º período letivo, realizaram, nas disciplinas de História e Português, um trabalho com base em entrevistas a um membro da direção da Confraria Olhanense do Litão, o senhor Paulo Mendes, e a um vendedor deste peixe, o senhor António Joaquim. Dois verdadeiros especialistas, com muita informação (receita incluída) para partilhar, neste caso junto dos mais novos.

O senhor António Joaquim esteve desde sempre ligado à pesca e venda do litão. A preparação do peixe, explica, envolve várias etapas. Depois de capturado, o litão é colocado em latas, para facilitar a fiscalização. Em seguida, passa por um processo de secagem, que pode durar cerca de dois meses, dependendo das condições climáticas e do método utilizado.

A *Infopédia* define o litão (*Galeus melastomus*) como “peixe elasmobrânquio, encontrado em águas atlânticas e mediterrânicas”; tem “corpo esguio que pode atingir cerca de 80 centímetros de comprimento e apresenta coloração marmorada em tons acinzentados sob fundo branco, sendo o focinho afunilado com mucosa bucal negra”.

Antigamente, o peixe era batido, cortado e salgado manualmente. Hoje, esse processo foi modernizado, facilitando a sua comercialização. O litão precisa de ser bem seco, para evitar o aparecimento de bolor, um dos principais desafios da sua conservação.

É cada vez mais apreciado e consumido, também em restaurantes. Com o aumento da procura, ficou mais caro. O preço por quilo, que antes rondava os 25 euros, subiu para cerca de 40, após a modernização do processamento.

### Divulgar a tradição

Depois de retirada a parte interior, que é aquela que normalmente não comemos e que se estraga rapidamente, retira-se também a cabeça e fica só o corpo. Pendura-se como a roupa, com a ajuda de dois pedaços de cana, um para manter o peixe aberto, outro para que esteja sempre ao alto, a apanhar sol, para ser “limpo” das bactérias.

A Confraria Olhanense do Litão continua empenhada em manter viva esta tradição, organizando eventos e participando em iniciativas que valo-



RUBEN GUEDES

**Os alunos do 8.ºC com António Joaquim, “desde sempre ligado à pesca e venda do litão”**

**O litão “tem corpo esguio que pode atingir cerca de 80 centímetros de comprimento”, segundo a Infopédia**

**Paulo Mendes, membro da direção da Confraria Olhanense do Litão, trajado a rigor**

### RECEITA

#### Ingredientes

Litão seco  
Alho, cebola, batatas, tomates, folha de louro, pimenta, pimentão, azeite, vinho branco, sal a gosto

#### Preparação

Primeiro o peixe tem de ser bem lavado, depois corta-se em pedaços, demola-se em água com sal. Cobre-se o fundo de um tacho com azeite e cebola às rodela, alho às lascas, louro e pimenta branca. Por cima desse preparado junta-se o litão, as batatas às rodela, outra camada de cebola, pimentão cortado aos pedaços, tomates sem pele nem sementes e novamente alho, louro e pimenta branca. Repetem-se as camadas as vezes que for preciso.

Rega-se com azeite, adiciona-se vinho branco, água e sal e leva-se ao lume a cozer lentamente até ficar pronto.

rizam a cultura e a gastronomia locais, assegurando que o legado do litão perdure para as gerações futuras.

Fundada no dia 27 de dezembro de 2021, tem cerca de 30 confrades. Confrades é o nome que se dá às pessoas que “trabalham” nas confrarias.

Qualquer pessoa pode entrar, desde que tenha vontade e gosto pela tradição e queira espalhá-la. As confrarias surgem quando um grupo de pessoas, em determinada altura e em certo lugar, sentem necessidade de divulgar ou manter uma determinada tradição.

Não é à confraria que compete vender o litão. Os confrades pagam uma quota anual de 20 euros e não auferem qualquer regalia monetária – o dinheiro é utilizado em despesas inerentes à confraria.

Em Olhão, os confrades desempenham um papel fundamental na preservação e promoção das tradições gastronómicas da região, com especial destaque para esta iguaria chamada litão, uma espécie de cação seco.

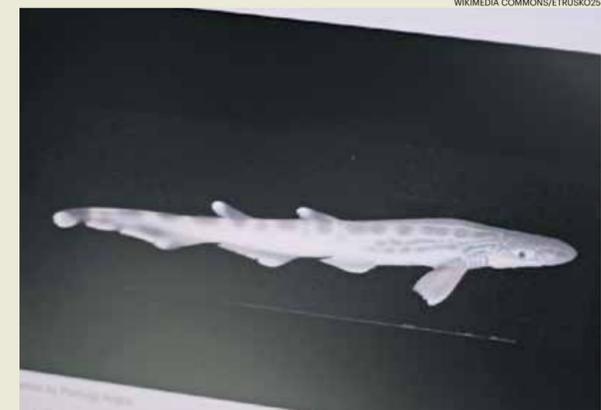
### Uma irmandade

O traje dos confrades está relacionado com a região e obedece a regras, como por exemplo o uso do medalhão e da boina da confraria. A capa (traje) é muito semelhante ao bioco (traje tradicional olhanense). Cada uma das cores presentes no traje da confraria tem um significado; o azul remete para o mar e o amarelo remete para a areia.

O símbolo da freguesia aparece do lado direito e o da própria confraria no lado esquerdo, além de vários pins. Quando os confrades de uma confraria vão visitar outra, trocam pins entre eles e assim vão enchendo as capas.

Uma curiosidade: a palavra “confraria” vem da conjugação dos termos em latim “com” (que significa junto) e “frade”, que quer dizer irmão – e portanto este termo pode ser definido como “irmandade”.

Sem a valiosa colaboração da Confraria Olhanense do Litão, na pessoa do senhor Paulo Mendes, e sem a disponibilidade do senhor António Joaquim, possivelmente os alunos da turma 8.ºC, como tantos outros até de outras escolas de Olhão, não saberiam que um simples peixe (o litão) seria uma tradição tão antiga desta terra.



WIKIMEDIA COMMONS/ETRUSKO25



AFONSO BORGES

## Vamos fazer um plano **Tipografia**

# Memória viva de um ofício intemporal

No coração do Seixal, sobrevive uma memória viva da arte tipográfica. *Por Ana Leonor Santos, Bruna Araújo e Tomás Soeiro, alunos do 10.ºM da Escola Secundária Dr. José Afonso*

**A** Tipografia Popular do Seixal, fundada em 1955 por Augusto Palaio, tornou-se mais do que um espaço de impressão: foi um pilar da comunicação local e um testemunho da evolução da imprensa ao longo do tempo.

### Uma tradição familiar

A história desta tipografia remonta ao momento em que Augusto Palaio, vindo da Figueira da Foz, decidiu estabelecer-se no Seixal com a sua família. Juntamente com a esposa e os filhos, António e Eduardo, deu vida a um espaço onde a tipografia tradicional floresceu. Utilizando uma prensa de tipos móveis, a Tipografia Popular tornou-se um elemento fundamental para a comunidade, produzindo pequenos anúncios, cartazes, faturas e documentos em massa. Durante o período revolucionário, teve

um papel ainda mais crucial, imprimindo comunicados de fábricas e outros anúncios que ajudavam a organização de greves e reivindicações laborais. Assim, a tipografia não era apenas um local de trabalho, mas uma ferramenta essencial para a comunicação e transformação social.

### Evolução da arte tipográfica

Com o avanço das tecnologias digitais e o surgimento de impressoras mais rápidas e sofisticadas, a tipografia tradicional foi gradualmente caindo em desuso. A produção de máquinas tipográficas cessou e, com o tempo, os espaços dedicados a este ofício foram desaparecendo devagarinho. No entanto, mesmo com a modernização dos processos de impressão, a Tipografia Popular manteve-se firme, sustentada pela dedicação da família Palaio. Após o falecimento do fundador, os filhos deram continuidade ao negócio; e

Eduardo Palaio, após regressar do serviço militar, juntou-se novamente à tipografia, onde permaneceu até à sua reforma.

### Um museu vivo

Quando a Tipografia Popular encerrou a sua atividade, em 2006, Eduardo Palaio tomou uma decisão notável: transformar este espaço num museu. Com a doação das instalações à Câmara Municipal, a tipografia tornou-se num local de memória e aprendizagem, onde os visitantes podem explorar a evolução histórica da imprensa e conhecer de perto as técnicas tradicionais da tipografia. Aberta ao público de quarta-feira a domingo, das 10h00 às 12h00 e das 14h30 às 17h00, a antiga tipografia mantém viva a história da impressão através de máquinas ainda funcionais e objetos únicos que já não fazem parte da indústria moderna. Exemplos desses documentos são imagens, textos que foram

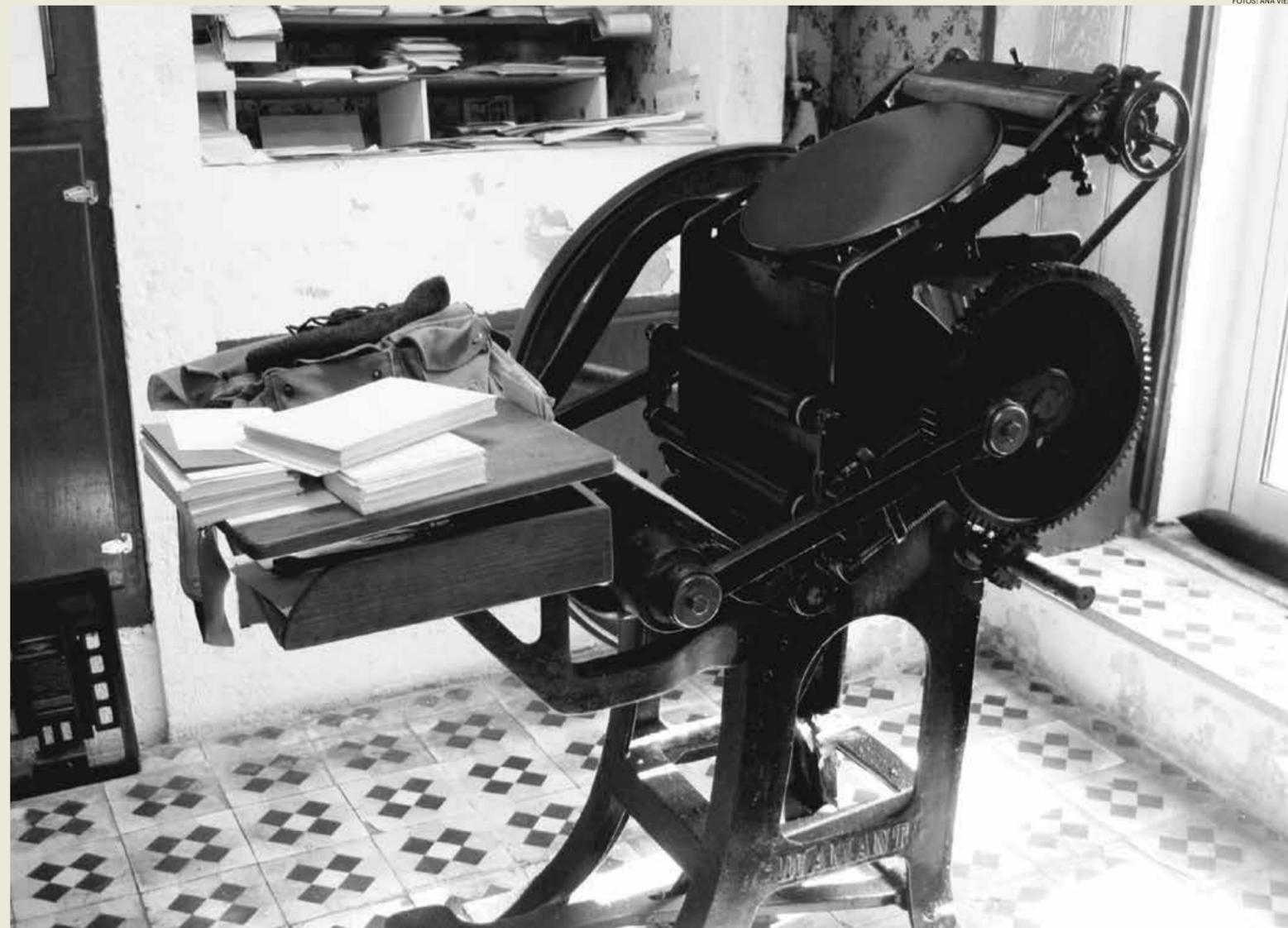
impressos, máquinas de impressão ainda funcionais e outros objetos recolhidos pelo senhor Eduardo Palaio. Para qualquer lugar que se olhe encontra-se sempre algo novo e que guarda a sua pequena história.

### Legado de inovação e arte

Entre os elementos mais marcantes do espaço destaca-se uma réplica funcional da prensa de rosca inventada por Gutenberg. Construído com base em estudos históricos detalhados e encomendado a um carpinteiro, este exemplar permite aos visitantes compreender o impacto da invenção que revolucionou a comunicação escrita. Perto da prensa, encontram-se ferramentas fundamentais para o processo tipográfico, como almofadas para espalhar a tinta nos tipos móveis e penas de ganso, pato e corvo, representando as antigas canetas utilizadas para a cópia manual de textos.



Visitar a tipografia permite perceber a evolução da imprensa e conhecer de perto técnicas tradicionais, máquinas, caracteres móveis



FOTOS: ANA VIEIRA



DIVA BENCHIMOL

## Eduardo Palaio Entre letras e prensas: a vida dedicada à tipografia

**T**ivemos a oportunidade de entrevistar o Senhor Eduardo Palaio, um contador de histórias, enche uma sala, parece uma enciclopédia viva. Hoje reformado, com 83 anos, tem dificuldade em distinguir a sua vida da “vida” da tipografia, a tipografia está-lhe no sangue e ambas se entrecruzam de forma indelével.

Com alguma nostalgia, recorda: “Comecei com 8 anos de idade, ao mesmo tempo que estudava. Frequentava a escola de manhã e trabalhava à tarde e, até mesmo durante as férias, trabalhava a tempo inteiro”, conta. Como muitos outros, não teve escolha: o sustento da família exigia esforço de todos. Essa rotina intensa afetou sua infância, principalmente na relação com os amigos. “Era muito escassa, porque enquanto eles podiam sair e brincar na rua durante as férias, eu tinha de me manter na tipografia a trabalhar”, relembra.

No entanto, mesmo nesse ambiente, encontrou formas de manter viva a criatividade infantil: “Criava jogos com os caracteres móveis, pequenas peças com gravuras de letras, símbolos, números...”

A educação foi interrompida pelo serviço militar. Como tantos jovens da época, teve de cumprir essa obrigação. “Entre com 21 anos e saí com 25”, recorda. Ao longo da vida, a tipografia foi o seu principal ofício, embora tenha tentado escapar do ambiente pesado e constrangedor de trabalhar com o pai. “Cheguei a trabalhar como contabilista, mas não fiz muita coisa além disso”, admite.

A história de Eduardo Palaio é um



ANA LEONOR SANTOS

### Eduardo Palaio entrevistado para o trabalho do concurso “Vamos fazer um Plano”

reflexo de uma geração que cresceu entre o dever e o desejo de ser criança. Tal como as páginas que imprimiu ao longo da vida, a sua trajetória ficou marcada por suor, dedicação e resiliência. A tipografia não foi apenas o seu ganha-pão, mas o prelo onde se moldou o seu caráter. Assim como as palavras que ajudou a compor, Eduardo escreveu a sua história no tecido industrial do Seixal, uma terra de trabalho árduo e evolução constante. Hoje, enquanto as antigas tipografias dão lugar a novas tecnologias, a memória deste ofício e dos que o exerceram permanece impressa no património e na identidade do concelho. **Ana Vieira e Marta Lourenço, 10.ºM**

Além desta relíquia histórica, o espaço abriga duas máquinas de impressão mecanizadas (uma movida a pedal e outra automatizada), tipos móveis, tábuas de madeira utilizadas em xilogravura e placas de cera onde se escreviam pequenos textos.

O processo de impressão, meticulosamente explicado por Eduardo Palaio, envolve a escolha das letras, a organização dos tipos móveis, a aplicação da tinta e a prensagem sobre o papel, permitindo que os visitantes compreendam a complexidade e o rigor desta arte.

### Passado impresso no presente

As paredes do museu são adornadas com imagens e documentos históricos, incluindo páginas de livros antigos e gravuras que alertavam os tipógrafos para a responsabilidade do que escreviam. Entre estas peças, encontram-se também folhas con-



Seixal

## Vamos fazer um plano Teatro



LARA PAULINO



Moura

# 400

espectadores em Amareleja nas quatro sessões da peça adaptada do *Auto da Barca do Inferno*

A Companhia "Art Théâtre Ensemble" apresentou a peça em Amareleja em duas datas

O espetáculo foi também levado a Barrancos (em baixo)

# O legado continua

Lídia Muñoz e Tiago Durão instalaram-se em Amareleja, terra de Eunice. O recomeço trouxe desafios, entre os quais a criação do projeto "Troupe Carmo". Por Carlota Tiago, Filipa Rocha, Leonor Morgadinho, Maria Inês Ruivo e Mariana Godinho, alunas do 10.ºB no Agrupamento de Escolas de Moura

Lídia Muñoz, atriz portuguesa nascida em Lisboa, neta de Eunice, destacou-se em várias produções, a mais recente das quais *O misterioso Caso de Lázaro Lafourcade*. Tiago Durão, seu companheiro, é um reconhecido cineasta português, realizador de, entre outros, *O misterioso Caso de Lázaro Lafourcade*. Além de cineasta, é fotógrafo, dramaturgo e ator.

Lídia Muñoz e Tiago Durão deixaram a sua vida em Lisboa para começar em Amareleja. Criaram um projeto designado "Troupe Carmo", nome que é uma homenagem ao grupo de teatro ambulante onde Eunice Muñoz se estreou, por volta dos quatro anos, criado pela família da atriz, uma das maiores de todos os tempos.

Amareleja, onde habitam cerca de 2000 pessoas, encontra-se no interior do Baixo Alentejo, concelho de Moura, perto da fronteira com Espanha. Aqui pouco se sabe sobre esta arte secular. O teatro não faz parte do quotidiano das gentes, sendo, por isso, pouco reconhecido e valorizado. Tiago e Lídia pretendem, através do "Troupe Carmo" mudar esta realidade. A Companhia "Art Théâtre Ensemble", grupo de teatro integrado no projeto, envolve várias faixas etárias (dos 10 aos 68 anos), traz vida à localidade e promete manter viva a herança artística da ilustre Eunice Muñoz, filha da terra. Eunice nasceu em Amareleja, a 30 de julho de 1928.

No passado mês de janeiro, depois de instalados em Amareleja, a companhia "Art Théâtre Ensemble" apresentou uma peça adaptada do *Auto da Barca do Inferno*, com a duração de 40 minutos, aproximadamente. Na peça participaram cerca de 30 atores, entre eles Lídia e Tiago. Esta representação contou com duas datas em Amareleja, a primeira teve três sessões, a segunda teve uma. Nas sessões houve sempre casa cheia, mais de 400 espectadores no total. A companhia de teatro levou ainda uma sessão a Barrancos que, à semelhança das anteriores, foi um sucesso.



PEDRO DIAS

### Na primeira pessoa

## "O Estado deve atrair agentes culturais para os concelhos e apoiá-los"

Como nasceu esta iniciativa? Qual o maior objetivo deste projeto? Para dar resposta a estas e outras questões, fomos falar com os seus fundadores, Lídia Muñoz e Tiago Durão. Ponto de partida: "Em 2022, quando viemos a Amareleja passar o filme *Eunice ou Carta a Uma Jovem Atriz*, descobrimos de certa maneira Amareleja e o seu público." E ao passar uns dias em Amareleja o casal rapidamente se apercebeu de uma grande lacuna no campo cultural. O passo seguinte foi tentar mudar o panorama.

### Legado artístico

"A Eunice era de Amareleja, do Baixo Alentejo", lembra Tiago Durão. Este projeto, além de reviver o teatro no interior do país, acaba por honrar e por trazer "de volta" Eunice Muñoz e, também, o seu primeiro grupo, a "Troupe Carmo". Motivos mais do que suficientes para considerar este projeto um legado artístico.

### Objetivo e influência

Todos nós temos um objetivo e uma influência quando criamos um projeto e fazemos uma mudança tão grande como esta. Desta vez não foi diferente.

O casal refere ainda que o objetivo do projeto era tornar as massas populacionais mais cultas e trazer uma diversidade, nomeadamente a arte, que até agora não existia. Tiago Durão frisa que o principal motivo de toda esta mudança e da criação do projeto "Troupe Carmo" foi, sem dúvida alguma, manter viva a memória, a vida e obra de Eunice Muñoz. Utiliza uma expressão de Ortega y Gasset, "eu sou eu e a minha circunstância, se não a salvo a ela não me salvo a mim", para relacionar toda esta mudança: "Como não nos identificamos com o modo de vida de Lisboa, devido a já estar saturado e termos uma criança pequena, salvamo-nos a nós e, com esta mudança para onde não havia a diversidade cultural que deveria existir, salvamos também outra circunstância e, desta maneira, acabamos por nos salvar uns aos outros."

### Criar espectadores

"Nós estamos de alguma forma a criar espectadores, é preciso criá-los, é preciso criar gente que saiba ver teatro, que o aprecia e que percebe a sua linguagem". Hoje em dia, são poucas as pessoas que sabem apreciar e ao mesmo tempo perceber o teatro. Se não a passarem às



Tiago Durão e Lídia Muñoz

gerações mais jovens, essa sabedoria perder-se-á e o verdadeiro teatro juntamente com ela. Mas "tudo aquilo que é desafiante traz uma boa recompensa e, neste caso, não foi exceção."

A vida é feita de mudanças e de desafios, que muita gente tem medo de enfrentar. Porém, Tiago e Lídia não deixaram esse medo vencer a sua vontade. Mesmo assim, houve imensos desafios, sendo o maior, de acordo com o casal, "criar uma nova rede de amigos, apoios e conhecimentos".

### Visão de futuro

"Eu acho que, para haver uma visão de futuro tem de haver uma articulação e interesse da parte de quem serve publicamente os cidadãos, de quem é eleito democraticamente. O Estado não deve e não pode programar cultura e arte, segundo a Constituição, mas deve apoiar e atrair

# “

Do trecho que vi, achei que foi uma encenação clara e bem feita, que conseguiu captar a atenção do público

Dalila Lopes  
47 anos, Barrancos

agentes culturais para os concelhos e deve apoiá-los de uma forma contínua e sólida, caso contrário permanecerá e perpetuar-se-á o abandono a que o Alentejo foi sujeito durante muito tempo."

De acordo com Tiago Durão, este projeto que criaram é apoiado pela Direção-Geral das Artes, pela Câmara Municipal de Barrancos e pela Junta de Freguesia de Amareleja.

Quando o projeto acabar, a ideia é continuar; para isso, porém, é necessário haver condições financeiras e apoios da parte da autarquia. "Em relação ao nosso comprometimento, é que cá ficaremos e continuaremos o nosso trabalho, mas a visão de futuro dependerá da autarquia e do poder político", reforça Tiago Durão.

### Mensagem final

"O caminho do teatro é um caminho muito difícil e muito precário", salienta Tiago Durão. Muitas pessoas pensam que o teatro é apenas uma simples representação de umas horas, onde se ganha muito dinheiro. Bem pelo contrário, explica: "A ideia de que um ator é um boémio, que os atores são ricos e têm grandes casas e vidas de sonho não é verdade. Os atores, os encenadores, os fotógrafos, quem faz os fatos, quem faz o cenário, quem acende a luz, quem limpa o chão... são pessoas que normalmente trabalham muito, recebem pouco e que estudam e se esforçam muito e, muitas vezes, pagam para trabalhar. A arte em Portugal é um ato político, é um ato de resistência e protesto. Eu acho que está muito esquecido que as pessoas precisam de arte e cultura para viver", finaliza.

Vamos fazer um plano Mural

# Subimos juntos?

A arte "pode ser um poderoso instrumento de união". Foi o que aconteceu na Covilhã, entre utentes da APPACDM e alunos de Artes Visuais da Secundária Campos Melo. Com muitos azulejos pelo meio

## Um símbolo de inclusão

No dia 20 de abril de 2024, foi oficialmente inaugurado o painel de azulejos criado no âmbito do projeto WOOL+ | Arte Urbana Mais Acessível. Esta residência artística reuniu utentes da APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) e os alunos do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Campos Melo, sob a orientação do artista Mantraste.

Durante mais de três meses, os participantes reuniram-se semanalmente nas instalações da Escola Secundária Campos Melo para aprender técnicas de pintura em azulejo. Mais do que um processo criativo, este foi um espaço de partilha e de troca de experiências enriquecedoras.

Cada azulejo pintado (e cozido

num forno da escola) conta uma história própria, refletindo não apenas a história da cidade da Covilhã, mas a identidade de cada um dos participantes. O resultado é um painel harmonioso, onde cada peça se encaixa numa narrativa coletiva.

Para os utentes da APPACDM, esta foi uma oportunidade única de deixar uma marca permanente na paisagem urbana da Covilhã, ampliando a sua voz através da arte. Para os alunos da Escola Secundária Campos Melo, a experiência representou uma aprendizagem valiosa, ao possibilitar o contacto direto com uma realidade distinta.

O painel encontra-se na Rua Ruy Faleiro, junto à Associação para o Desenvolvimento Comunitário (ADC), na Covilhã, numa via de grande circulação, frequentada diariamente por muitas pessoas, cruzando-se com o caminho para as instalações da APPACDM.

O mural "Subimos Juntos" simboliza a união e a superação de limitações, convidando a comunidade a repensar o espaço urbano e a celebrar a diversidade. Este projeto não só celebra uma conquista artística, mas incentiva a continuidade de residências artísticas e atividades que envolvam diferentes segmentos da população.

**Leonor Santos, aluna do 12.º ano do Curso de Artes Visuais**

**O mural, produzido em conjunto ao longo de meses, ficou na Rua Ruy Faleiro, na Covilhã**



FOTOGRAFIAS: MIGUEL OLIVEIRA/WOOLFESTORG

À CONVERSA COM PAULO, CECÍLIA E STEVE

“Aprendemos a ver a vida de outra forma”

No dia 18 de fevereiro de 2025, visitámos a sede da APPACDM para entrevistar o Paulo, a Cecília e o Steve, utentes que integraram o projeto WOOL+, e conversar sobre a sua experiência na criação do mural.

Quando interrogados sobre o que mais tinham gostado no projeto, Cecília destacou o convívio e a interação com novas pessoas, enquanto Steve e Paulo salientaram a oportunidade de aprender a trabalhar com a pintura do azulejo, uma técnica que nunca tinham experimentado.

Foi claro que a importância para os envolvidos ia para além da arte em si. Paulo e Cecília acreditam que o WOOL+ “abriu novos horizontes” e ofereceu-lhes uma nova forma de se exprimirem. Quando questionados sobre se gostariam de voltar a participar em algo semelhante, o “sim” foi unânime, acompanhado de grandes sorrisos.

A vontade de repetir a experiência é compartilhada por todos, também pelos alunos de artes envolvidos no projeto. Quando Paulo perguntou o que

háviamos aprendido e sentido ao trabalhar com os utentes da APPACDM, André Vaz, um dos alunos participantes, explicou: “Aprendemos a ver a vida de outra forma.”

Depois de meses passados a pintar mais de mil azulejos, Steve e Cecília expressaram a felicidade de ver a obra completa, relembrando as horas de diversão mas também de muito trabalho e dedicação. Para Paulo, a conclusão do painel evocou outro sentimento: “Nostalgia, se calhar, dos momentos que passámos juntos a fazê-lo!”

Perguntámos se sentiam orgulho em terem este mural na cidade, com os seus nomes e retratos, pelo qual passam familiares e colegas. Todos concordaram. Cecília declarou: “Tenho muito orgulho, é uma lembrança de dias felizes!” Paulo hesitou, procurando as palavras: “Sinto que conseguimos!”, afirmou, com a satisfação de quem viu um sonho realizado.

**Júlia Nicolau, aluna do 12.º ano do curso de Artes Visuais**



**Ao projeto WOOL um muito obrigado! E queremos todos voltar, Sentimo-nos todos gratificados Para a magia poder voltar a mostrar!**

**Paulo**  
Utente da APPACDM



### Um relato na primeira pessoa

Participar neste projeto foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora. Desde o início, as sessões de criação do mural foram marcadas pelo espírito de colaboração e descoberta.

Os encontros começaram com momentos de aprendizagem, em que o artista Mantraste explicava o objetivo do projeto e como ele seria realizado, utilizando exercícios que procuravam cativar e motivar os participantes. Para além de incentivarem a criatividade, estes momentos também fortaleceram a interação entre todos, criando um ambiente descontraído,

repleto de partilhas e cumplicidade.

Trabalhar ao lado de pessoas com realidades diferentes da minha permitiu-me compreender a importância da inclusão e da acessibilidade em todas as áreas. A produção do mural foi feita com paciência e sensibilidade, respeitando o ritmo de cada um, tornando o processo ainda mais significativo.

Foi um projeto que me desafiou a repensar e valorizar as pequenas vitórias e progressos, demonstrando que a arte pode ser um poderoso instrumento de união. O impacto deste projeto foi notável, não só para os

participantes diretamente envolvidos, mas para todos nós que tivemos a oportunidade de contribuir para uma causa tão importante.

O ambiente de trabalho foi sempre acolhedor, com uma equipa disposta a colaborar de forma construtiva, tornando a experiência leve e divertida. No final, o sentimento era de orgulho e de superação.

A conclusão do painel não simboliza só a concretização de um projeto artístico. Traduz também a ideia de que a arte nos deve elevar como comunidade.

**Diana Coelho, aluna do 12.º ano do Curso de Artes Visuais**



# Educamos hoje, transformamos o amanhã

**Na Sonae, acreditamos no poder da educação. Na sua capacidade de transformar e de construir uma sociedade mais justa e inclusiva.**

Por isso, lideramos e apoiamos o desenvolvimento de projetos que promovem o acesso e a qualidade da educação em todas as fases do ciclo de aprendizagem, através de parcerias estratégicas. É com esta motivação, e reconhecendo o poder da informação, que a Sonae se volta a juntar ao Jornal Público e ao Plano Nacional das Artes, atribuindo a alunos de todo o país uma porta de acesso para um mundo em constante mudança.

**Juntos, criamos hoje um amanhã melhor para todos.**

